

Seria o nosso propósito de vida o servir?

Amados irmãos em Cristo, que a paz de Deus esteja presente na vida de vocês.

Neste domingo, 23 de setembro de 2018, o vigésimo quinto domingo do Tempo Comum, é-nos lembrada a passagem bíblica narrada por Marcos, quando Jesus destaca aos discípulos presentes, e a todos nós, como se deve portar, de fato, aquele que se propõe a segui-Lo, agindo de acordo com a lógica que não é a do mundo para a conquista da primazia, mas sim com a lógica divina, destacando a pureza de coração e o servir. Tal passagem, dá seguimento ao seu reconhecido como o Filho do Deus vivo pelos seus discípulos e a lembrança dos desafios a serem enfrentados aos que optam por estarem com Ele.

Convido todos vocês para que, após a leitura da referida passagem, reflitamos sobre sua aplicação em nosso dia-a-dia.

30Tendo partindo dali, caminhava através da Galileia, mas não queria que ninguém soubesse, 31pois ensinava aos seus discípulos e dizia-lhes: “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles O matarão e, morto, depois de três dias Ele ressuscitará”. 32Eles, porém, não compreendiam essa palavra e tinham medo de interrogá-lo. 33E chegaram a Cafarnaum. Em casa, Ele lhes perguntou: “Sobre o que discutíeis no caminho?” 34Ficaram em silêncio, porque pelo caminho vinham discutindo sobre qual era o maior. 35Então Ele, sentou-se, chamou os Doze e disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos”. 36Depois tomou uma criança, colocou-a no meio deles e, pegando-a nos braços, disse-lhes: 37“Aquele que receber uma destas crianças por causa do meu nome, a mim recebe; e aquele que me recebe, não é a mim que recebe, mas sim àquele que me enviou”. (Mc 9,30-37)

A passagem em tela, como dissemos acima, dá sequência à nossa reflexão da semana passada, com o reconhecido de Jesus, por seus apóstolos, especialmente por Pedro, como o Filho do Deus vivo e ouviram, em seguida, os desafios a serem enfrentados aos que optam por estarem com Ele. A realidade por Ele descrita, de forma crua e espantosa, explicita o primeiro anúncio de sua paixão e morte, mas que representava, com a sua ressurreição, a salvação da humanidade, sem escolhas ou exclusões.

No trecho desta semana, Marcos nos traz pela segunda vez o anúncio da paixão e ressurreição de Jesus, seguido de importantes orientações de vida. Ao mesmo tempo que apresenta a forma de redenção da humanidade, por meio de sua morte e ressurreição, mostra-nos o caminho da santidade. Trouxe, num primeiro momento, a dureza de sua paixão, mas dá sequência com a salvação pela ressurreição e indica o caminho para realmente segui-Lo.

Marcos claramente nos apresenta um Jesus que não veio ao mundo para conquistar glórias humanas e por meio delas triunfar, ao contrário, Ele veio para cumprir a vontade do Pai, ofertando a sua própria vida por amor à humanidade. É com este pano de fundo que devemos contextualizar os três anúncios feitos por Jesus sobre a sua paixão, morte e ressurreição.

O texto deste domingo traz-nos o grupo de seguidores de Jesus atravessando a Galileia, após sair de Cesareia de Filipe, onde, como já destacamos, o Mestre fala pela primeira vez da sua paixão e morte. Bem provavelmente, a ida a Jerusalém já estaria nos planos dos discípulos, acreditando, porém, que Cristo Jesus lá faria sua entrada triunfal, personificando um Messias político, poderoso e invencível, voltado à libertação do povo de Israel do domínio romano.

Percebam que os discípulos mantêm-se em silêncio, mesmo diante de mais um anúncio da paixão e morte de Jesus. Explicita-nos, Marcos, a falta de compreensão sobre o anúncio, apesar de sua aparente clareza, mas, por medo, não questionam Jesus (v. 32). Ocorre que, a falta de clareza para seus discípulos residia-se na necessidade da morte na cruz para se chegar à vitória, à verdadeira vida. Como a morte pode levar ao caminho da vitória? Eis o grande questionamento? Como poderiam concordar, segundo a lógica humana, com a escolha do caminho traçado por Jesus para se chegar à salvação? Parecia, certamente, ao ver do grupo, levando em conta sua limitação, que tal opção seria, explicitamente, um caminho de fracasso.

Vemos, então, que Jesus, ao longo do percurso até Jerusalém, vai orientando seus discípulos, mostrando-lhes os valores do Reino e, de forma concreta, apresenta-lhes o projeto do Pai, que não passa por esquemas de poder e de domínio.

Mais uma vez, Cristo Jesus nos mostra a diferença entre a lógica do mundo e a lógica de Deus.

O mundo nos orienta a seguirmos caminhos competitivos, a buscarmos cargos e situações de lideranças, a sermos destacadamente ocupantes de postos de primazia e, por conseguinte, sermos reverenciados, servidos e enaltecidos. Nessa lógica, os primeiros devem ser servidos, contando com a obediência e colaboração dos demais. Não é sem razão que os lideres, pela lógica mundana, contam com mordomos (não, necessariamente, o profissional, mas os servidores que lhes dão mordomias materiais prazerosas) e séquitos de seguidores que, mesmo sofrendo humilhações, mantem-se na subserviência de seus “mestres”. É frequente encontrarmos cientistas presunçosos, ricos empresários autoritários e prepotentes, acadêmicos vaidosos e apegados aos seus conhecimentos, lideres religiosos fanáticos e inflexíveis, absolutamente distantes da verdadeira fé. Tudo por conta da lógica humana da primazia no mundo.

Em sentido oposto, Jesus adverte seus discípulos, de forma clara e objetiva, que, para serem vistos de forma destacada, pela lógica divina, para obterem a primazia no Reino de Deus, necessariamente devem almejar fazer parte das últimas fileiras e, acima de tudo, buscarem a humilde capacidade de servir aos demais. O servir, o doar-se, preenchidos pela verdadeira humildade, é o único meio de se atingir o destaque diante de Deus. Nada fácil para as pessoas que buscam, frequentemente, o poder, a glória, a dominação e, acima de tudo, ser servido e aclamado. Assim, Jesus destrói qualquer pretensão de poder, de domínio, de grandeza, na comunidade do Reino. Por conseguinte, aquele que raciocinar em termos de poder e de grandeza, ou seja, de acordo com a lógica do mundo, está a subverter a ordem do Reino.

Imaginem, amados irmãos, que tais palavras foram ditas em uma sociedade cuja discussão sobre a precedência e as grandezas pessoais era comum e rotineira, destacadamente quando vinculadas aos aspectos religiosos, por serem obtidas e estabelecidas por meio de graças conquistadas diante de Deus.

Não é a primeira vez que Jesus busca a inversão dessa lógica, destacando o servir, a renúncia e a simplicidade – o maior é aquele que se faz servo de todos. Inquestionavelmente, sua vida era o verdadeiro exemplo de suas palavras.

Na continuidade de suas orientações sobre o servir, Jesus completa exemplarmente com o emblemático gesto trazendo para si uma das crianças presentes, destacando a importância de acolhermos “as crianças”, pois se assim o fizermos, estaremos acolhendo a Ele próprio e igualmente o Pai. Lembremo-nos de que, à época, as crianças na sociedade palestina eram seres sem qualquer direito, sequer contando do ponto de vista legal, simbolizando, assim, os débeis, os sem direitos, os pobres, os marginalizados. Dessa forma, Jesus não faz menção, especificamente, a acolhida de uma criança, mas sim a todos aqueles apartados e insignificantes sob o olhar do mundo.

Mais radical ainda vemos na narrativa de Mateus a respeito da mesma passagem, quando nos traz a seguinte fala de Cristo:

1Nessa ocasião, os discípulos aproximaram-se de Jesus e lhe perguntaram: “Quem é o maior no Reino dos Céus?” 2Ele chamou perto de si uma criança, colocou-a no meio deles 3e disse: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. 4Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus. (Mt 18,1-4)

Evidenciamos, então, a necessidade de, não apenas acolher, mas de nos tornarmos tão puros quanto elas, de abrirmos mão das aparentes conquistas mundanas, das glórias humanas, dos méritos e vitorias ligadas a este mundo. A pureza, o desapego material e a simplicidade devem fazer parte de nossa vida, reconhecendo-nos pequeninos, tal qual realmente somos, apesar de nossa condição especial pela nossa natureza divina, pois nossa força e nosso poder são decorrentes da presença viva de Deus em nós, jamais de nossos próprios méritos humanos.

Apreendemos, então, da mensagem de Jesus que seremos grandes, aos “olhos de Deus”, caso tenhamos a capacidade de acolhermos, de forma humilde e servil, os rejeitados e abandonados pelo mundo e não quando tivermos poder ou autoridade sobre outras pessoas. Ou seja, acolhendo o pequeno e o excluído, estaremos acolhendo o próprio Cristo, pois nele Ele estará presente.

Reflitamos sobre nossa situação no mundo, em nossa sociedade, em nosso meio. Estaríamos, de fato, como seguidores de Cristo, cumprindo suas determinações, servindo ao invés de sermos servidos, acolhendo e não buscando sermos acolhidos, doando-nos em detrimento do interesse de sermos atendidos? Estaríamos escolhendo aqueles seres próximos ou os que comungam com nosso estilo de vida e nosso pensar, ou estamos buscando acolher e servir, independentemente de retribuição e de reconhecimento, os que levam uma vida pouco exemplar, os marginalizados, os que ninguém quer e ninguém ama?

Lembremo-nos sempre de que o “poder” para Jesus é servir, é doar-se, é amar, é acolher, de forma indiscriminada, sem escolhas ou exclusões.

Um fraterno abraço e que a paz do Senhor esteja sempre na vida de vocês!

Rev. Frei João Milton